

## *O Livre Arbítrio e a Vontade Divina*

(1979)

Swami Paratparananda

É comum o conceito de que o homem tem livre arbítrio ou vontade livre, que possui a faculdade de agir por reflexão e escolha. Se bem que não podemos negar este conceito tampouco podemos aceitá-lo em sua totalidade como verdade. Por que não podemos assegurar de um modo ou de outro? Por que vacilamos entre aceitá-lo ou rechaçá-lo? Primeiro vamos estudar a definição de livre arbítrio. Significa a faculdade de agir por reflexão e escolha, independente de outros fatores, como por exemplo, a inclinação natural. Os filósofos hindus chamam a esta “faculdade de discernir e decidir”, em sânscrito, *buddhi*. Segundo eles esta é uma das partes, por assim dizer, do *antahkarana*, sentido interno do homem, cujas outras partes são: *manas* (mente), *chitta* (substância mental), e *ahankara* (ego). Talvez seja necessário aqui explicar as funções ou poderes destas partes do instrumento interno para compreendê-lo melhor. *Manas* é que recebe todas as impressões dos objetos que os sentidos lhe apresentam, mas não decide se deve perseguir, aceitar ou rechaçar tais objetos. Neste momento intervém o *buddhi* (intelecto), a faculdade de discernir, e decide o que vai fazer. *Chitta* é o depósito das tendências inatas e das impressões que o homem vai recebendo através desta vida. Qualquer experiência ou impressão que o intelecto recebe, ao reflexionar, compara com as que já estão armazenadas no *chitta* e vê qual foi o resultado desta experiência no passado, antes de decidir. O *ahankara* (ego) é o que pensa que é o agente. Este é o significado literal da palavra *ahankara*: “aquele que diz: ‘sou o agente’”. Todos estes são apenas instrumentos, pois não têm poder algum se a consciência do homem não está unida a eles.

A primeira objeção que se pode formular contra esta teoria do livre arbítrio é: Como pode um instrumento ser livre? Se isto fosse certo, então a pena do escritor, o pincel do pintor, o formão do carpinteiro, o cinzel do escultor, a marreta do ferreiro e outras ferramentas semelhantes teriam trabalhado por si sós. A isso se pode responder: não é ao próprio instrumento que nos referimos aqui, senão a faculdade ativada pela consciência. Então respondemos: neste caso não é que o arbítrio ou

vontade sejam livres, senão a pessoa que os possui. Neste conceito também há uma trava, pois para a maioria da humanidade sua personalidade significa no máximo a identificação com o ego, o “eu”. Surge então a pergunta: O ego é livre? O “ego”, segundo o monista, é uma falsa identificação do Ser ou Atman com a mente, corpo ou sentidos segundo as circunstâncias ou momentos, devido à ignorância da realidade. Como pode ser livre o que está sob o encanto da ignorância? No entanto isto é exatamente o que acontece: quando estamos vendo magia vemos somente as coisas que o mago quer que vejamos ainda que não existam, e pensamos que são reais. Neste momento não nos damos conta de que são irreais ou ilusórias. Assim mesmo, os que estão a favor desta ideia de livre arbítrio não vão discutir ou raciocinar deste modo, eles gostam da ideia e a aceitam. Mas uma coisa é aceitar uma teoria e outra totalmente diferente é colocá-la em prática na vida diária. Um homem que realmente possua este livre arbítrio não teria que desanimar-se pelas circunstâncias adversas. Teria que cumprir com todas suas resoluções e não deveria preocupar-se nem se perturbar pelos resultados. Mais ainda, deveria manter-se calmo até mesmo quando o resultado fosse desfavorável. Por acaso o homem que aceita esta teoria do livre arbítrio pode enfrentar todas as circunstâncias com calma, pode levar a cabo todas suas resoluções? Isto é muito importante; isto é o que realmente vale: pois a meta final do homem é chegar a ter a tranquilidade, a paz duradoura. Todos seus esforços e lutas são para alcançar este estado de equanimidade, de bem-aventurança. O conceito de livre arbítrio também se originou daí, ter a liberdade de atuar e desfrutar. Pergunte-se se duvidam disto: Por que quero a liberdade? Porque só nela está a paz e a felicidade. Na prisão, na limitação, na sujeição, existem muitas obrigações que nos impelem a atuar e a nos comportar contra nosso desejo e vontade, apesar de nós mesmos. Além disso, estamos inibidos pelas circunstâncias e induzidos a atuar por nossas tendências inatas.

Quando a situação é assim, ou seja, tendo tantos impedimentos e limitações, como pode alguém pensar que é livre? Realmente não podemos. Para verificar isso não necessitamos indagar muito; tratemos de desfazer-nos de um mau hábito e cultivar outro bom, então veremos se realmente temos o livre arbítrio.

Fazemos boas resoluções pela manhã, mas à tarde todas elas, na maioria de nossos casos, são varridas pela corrente dos hábitos e não fica nenhuma; e isto acontece dia após dia, mês após mês, ano após ano.

Passam os anos e as boas resoluções ficam sem cumprir-se, sem podê-las levar a cabo. É essa a indicação do livre arbítrio? Vemos assim que o arbítrio não é tão livre quanto acreditamos.

Na definição do livre arbítrio que já citamos encontramos duas palavras: reflexão e escolha. Reflexão significa, segundo o dicionário, exame cuidadoso de algo. Se o homem fosse guiado pela reflexão, como poderia atuar mal, como poderia, conscientemente, convidar a desgraça e os sofrimentos, produto de suas obras? Por isso temos que admitir que as tendências herdadas das vidas passadas têm muito a ver com o comportamento de cada indivíduo. Não obstante, existe essa ideia no homem e Deus a permitiu para que atue como um incentivo à ação. Se tudo fosse automático, se não existisse este impulso, não haveria nenhuma evolução no homem, talvez o ser humano fosse ainda hoje tão primitivo em seus hábitos, costumes e moralidade como era na época paleolítica, vivendo nas cavernas e movido somente pelas paixões e instintos como os animais. O homem é homem porque pode lutar contra a natureza externa e interna. Tem essa liberdade. Sri Ramakrishna falando do livre arbítrio certa vez disse: “Foi Deus quem plantou na mente do homem o que o ‘inglês’ chama de livre arbítrio. As pessoas que não alcançaram Deus se meteriam em atos ainda mais daninhos se Ele não houvesse semeado esta noção do livre arbítrio neles. O pecado haveria aumentado se Deus não houvesse feito sentir ao malvado que só ele é o responsável por seus atos pecaminosos. Os que alcançaram à Deus estão conscientes de que o livre arbítrio é uma mera aparência e que na realidade o homem é a máquina e Deus o Maquinista, o homem é a carruagem e Deus o condutor.”

Também podemos ver que as leis não teriam sentido se cada um não fosse feito responsável por suas ações e tudo seria, nesse caso, um caos, um pandemônio. Como exemplo desta atitude de irresponsabilidade podemos ver o que ocorre com as pessoas que interpretam erroneamente a teoria do karma. Se alguém lhes pergunta que significa esta teoria não podem dar uma resposta convincente, só vão dizer que é o resultado das ações de vidas anteriores. Não se detêm a pensar quem foram os que fizeram estas ações no passado cujo resultado estão agora desfrutando ou sofrendo. Cada um colhe o que semeou ou semeia, ou seja, o fruto de suas próprias ações e não as de outro. Na terra pode administrar-se equivocadamente a justiça, pois o juiz tem que depender das provas e testemunhos diante ele. Mas Deus, estando

presente no coração de todos e sendo Ele mesmo a Testemunha de todas nossas ações, inclusive a mais oculta que o homem possa fazer, jamais se equivoca. Só os débeis, ociosos e ignorantes não querem perseguir esta linha de raciocínio, pois então se encontrarão com a seguinte questão: se as ações das vidas anteriores produziram estes frutos, por que não me esforçar para mudar o modo de minha vida atual e moldá-la melhor para o futuro? O homem tem certa liberdade, é por isso que não podemos negar totalmente o conceito do livre arbítrio.

Mas devemos repetir que o homem não tem uma liberdade total. Vamos narrar aqui uma estória que se encontra no Kena Upanishad: Certa vez Brahman conseguiu que os devas, seres celestiais, vencessem aos demônios. Os devas se orgulharam disso e acreditaram que foi por seus próprios esforços que haviam logrado esta vitória. Brahman, dando-se conta disto, apareceu diante dos devas na forma de um Espírito. Curiosos para saber quem era este Espírito, os devas enviaram a Agni, a divindade do fogo. Quando este se lhe acercou, o Espírito lhe perguntou: "Quem és?" "Sou a divindade do fogo," respondeu o deva. "Que poder tens?" perguntou o Espírito. "Ah, eu posso queimar tudo quanto existe na terra," respondeu Agni. O Espírito então colocou diante de Agni uma simples palha e lhe pediu que a queimasse. A divindade do fogo tentou fazê-lo com toda a sua força, mas não conseguiu. Humilhada, voltou para os devas. Depois enviaram Vayu, a divindade do vento, com o mesmo resultado. Por mais que tenha se esforçado para levar a palha soprando não pôde nem movê-la. Desta maneira, um por um, os devas se apresentaram diante do Espírito, fracassaram em comprovar suas respectivas forças e voltaram humilhados. Ao final quando Indra, o rei dos devas, se adiantou, o Espírito desapareceu e em seu lugar apareceu uma mulher belamente adornada. Era Uma, a Força Cósmica. Indra se aproximou e lhe perguntou: "Quem é este Magno Espírito?" Respondeu Ela: "É Brahman. Foi por Sua força que vocês tiveram a glória." Aqui vemos que toda a força, até a dos seres celestiais, depende da força de Deus e que os vários devas ou deuses são apenas Seus instrumentos. Lemos nos Upanishads: "Por Sua força o fogo queima, o vento sopra, a água molha e a morte cumpre sua função."

Certa vez Swami Saradananda, um discípulo direto de Sri Ramakrishna, relatou este incidente de sua própria vida falando sobre o problema do livre arbítrio. Em sua juventude era um estudante de medicina e como outros jovens daqueles dias, ao final do século

dezenove, era cético, não acreditava na existência do Ser ou Deus. Certo dia este jovem foi visitar Sri Ramakrishna e lhe falou do livre arbítrio, dizendo: “Senhor, onde intervém a vontade de Deus? Eu posso fazer tudo que quero. Estou fazendo ensaios e qualquer coisa que quero fazer, consigo.” Sri Ramakrishna lhe aconselhou que seguisse esta mesma linha de pensamento durante um tempo e observasse o que ocorresse. Mais ou menos um mês depois o jovem voltou a visitar o Mestre e lhe disse: “Senhor, descobri algo; estive observando-me estes dias e vejo que agora não posso fazer nada por minha própria vontade, nem sequer a coisa mais insignificante; antes podia fazer grandes obras. Não compreendo, estou confuso.” Sri Ramakrishna lhe disse que escutasse com atenção a canção que ia cantar, a aprendesse de memória e meditasse sobre seu significado todos os dias. Em seguida cantou:

*Tu és meu Tudo em Tudo, oh Senhor – a Vida de minha vida, meu ser mais recôndito;*

*Não tenho a ninguém nos três mundos senão a Ti, a quem chamar meu.*

*Tu és minha paz, minha alegria, minha esperança; Tu, meu sustém, minha riqueza, minha glória;*

*Tu és minha sabedoria e minha força.*

*Tu, meu lar, meu lugar de descanso; meu amigo mais íntimo, meu parente mais próximo;*

*Meu presente e meu futuro Tu és; meu céu e minha salvação.*

*Tu és minhas escrituras, meus mandamentos; Tu meu sempre bondoso Guru; Tu és a Fonte de minha bem-aventurança sem limite.*

*Tu és o Caminho; Tu, a Meta, Tu, oh adorável*

*Senhor! Tu és a Mãe de terno coração, Tu, o Pai*

*que castiga, Tu, o Criador e Protetor; Tu, o*

*Timoneiro que guia Minha barca através do mar da vida.*

Swami Saradananda seguiu as instruções de seu Mestre e como consequência pode resolver todas suas dúvidas. Vemos nesse relato que o ser humano tem certa liberdade de atuar, mas não é total. O homem tem que depender da vontade divina para lograr êxito na vida, especialmente na vida espiritual.

Agora vejamos, de onde surgiu esta ideia de liberdade, ou seja, a ideia do livre arbítrio? Sabemos que existem algumas noções fundamentais no homem, por exemplo, a vida eterna, a felicidade

absoluta e a liberdade total. O monista diz que esta é a natureza do Atman, a essência do homem. Portanto não é possível para ele esquecer sua natureza, por mais que esteja submetido à ignorância, por mais que esteja impedido pelos *upadhis*, as limitações, como corpo, sentidos e mente. Assim como um homem que teve um pesadelo continua assustado por um tempo mais, mesmo depois de despertar-se, da mesma forma a natureza interna do homem, ainda que coberta por pesadas incrustações, persiste em afirmar-se de alguma maneira. E a ideia do livre arbítrio é uma delas.

A questão que agora se apresenta é: Por que não chamar de livre o que já é? Não vamos confundir uma coisa com outra. É certo que o Ser é livre; mas não no estado em que esse Ser se identifica com o corpo. O Ser não tem nenhuma ação que empreender, nada para alcançar; o que falta para alcançar aquele que já é eterno, imaculado, iluminado e livre por natureza? Nada. E toda ação se faz com um propósito, quer seja satisfazer uma necessidade ou cumprir um desejo. É claro que um ser que alcançou a Deus, que O viu cara a cara é uma exceção a esta regra, como é o caso das Encarnações Divinas. Estes seres vêm a terra para redimir a humanidade, para mostrar-lhe o caminho; não têm nenhum motivo pessoal. Sri Krishna declara no Bhagavad Gita: “Oh Arjuna, não tenho nos três mundos nenhum dever que cumprir, nem falta nada para alcançar que não tenha alcançado; no entanto Me ocupo na ação.” Todos os outros, salvo estes seres excepcionais, são movidos por algum motivo pessoal, seja elevado ou baixo. Os motivos elevados tais como alcançar a Deus, lograr *bhakti* (devoção) são bons e não prendem os homens a este mundo, não os fazem continuar na ronda de nascimentos e mortes. Pelo contrário, os ajudam a ser mais e mais livres, à medida que se vão fortalecendo. Os motivos baixos, que são na sua maioria egoístas e que consistem na satisfação dos desejos de gozo mundano, não nos liberam, pelo contrário, adicionam um elo a mais na corrente das nossas amarras. Vemos assim que o próprio fato de estar ocupado na ação, repetimos, salvo nos casos excepcionais já mencionados, implica imperfeição. Como pode haver perfeição em um estado imperfeito? Todos nós viemos aqui a terra porque somos imperfeitos, porque temos vários desejos insatisfeitos. Em tal estado não existe um arbítrio totalmente livre. Um homem pode satisfazer seus desejos e como consequência dos transtornos e sofrimentos que padece, é possível que se dê conta da vacuidade de todo gozo mundano e lute para escapar das garras mortíferas do desejo e alcançar a

perfeição. Mas não devemos confundir a pouca liberdade de vontade que gozamos com a perfeição, ou plena liberdade. Na maioria das vezes isto é o que acontece: consideramos que como Ser somos livres e ao mesmo tempo o confundimos com o corpo, sentidos ou mente, querendo ver perfeição no imperfeito, melhor dizendo, vendo o imperfeito como perfeito.

Pela graça divina esta confusão não dura para sempre, as dificuldades e o sofrimento que sofremos nos ensinam algo cada dia e gradualmente chegamos a conhecer que o que havíamos considerado como nosso Ser não o era e chamá-lo livre foi um erro. Mas este firme conhecimento vem quando se alcança a Deus; até então, ainda que de vez em quando se tenha um vislumbre dele, se perde em seguida e volta a cometer o erro anterior. Por isso devemos ter esta firme convicção de que o arbítrio não é totalmente livre ainda que tenha uma aparência de liberdade. Sri Ramakrishna explica isto com um exemplo muito simples: Uma vaca está amarrada a um poste em uma em uma grande pradaria com uma corda longa. A pradaria é infinita e cheia de pasto verde. A vaca pode mover-se livremente dentro da área representada pelo círculo com a extensão da corda como raio e nem um pouco mais. Se agradar ao dono, ele pode aumentar a corda e permitir que a vaca possa pastar sobre um espaço maior. A vaca pode pensar que é livre, mas se dará conta de que não é, quando queira ir além do que a corda amarrada ao seu pescoço lhe permita, pois sentirá o puxão. A vontade do homem também é exatamente igual, lhe foi outorgada certa liberdade, mas não mais.

A impotência humana ante suas debilidades é óbvia na pergunta que um herói como Arjuna faz: “Então, movido por qual força comete um homem más ações, ainda que não queira, como se fosse obrigado?” Sri Krishna responde: “É este desejo, esta ira, originado de rajas, é voraz e malvado; conhece-o como teu inimigo aqui.” Sri Krishna não distingue o desejo e a ira como sentimentos separados, pois o segundo é o efeito do desejo obstruído, por esta razão usa o verbo no singular. Onde está o livre arbítrio quando se move constantemente com tanta facilidade ao ser atacado pelos desejos e paixões? Damo-nos conta de nossas limitações só quando as tormentas dos fracassos agitam nossa barca neste mar da vida. Um jovem, são, rico e poderoso não o sente, pensa que é supremo. Inclusive as pessoas avançadas na idade que não padeceram nenhuma grande calamidade custam a entender isso. Mas chega o momento na vida de cada um em que tem que encarar a vida com é e não como um

sonho prazeroso. Só existe uma vontade que é livre e essa é a do Altíssimo. Aquele que se submete à vontade de Deus atravessa sem muito dano as tormentas e dificuldades.

Conta-se uma estória na Índia: Havia um yogui, que certa vez estava parado na praia, quando se levantou um vendaval. Ele viu um barco que ia sendo levado pelos fortes ventos. O yogui havia adquirido alguns poderes sobrenaturais, podia controlar até os elementos da natureza. Movido pela compaixão pelos passageiros deste barco, exclamou: “Que se acalme a tormenta” e suas palavras se cumpriram. Mas como o vento se acalmou de repente, o barco afundou causando a morte de todos a bordo. Sem dúvida o yogui tinha boa intenção, mas sua visão era limitada, não podia ver além das aparências. Assim são os juízos do homem, propensos à equivocação. Portanto é necessário que tratemos de conformarmos com a vontade de Deus. Sri Ramakrishna ensinou uma parábola sobre a vontade de Rama, que ilustra esta ideia de submissão à vontade divina. Havia um tecelão, um grande devoto, que cumpria com todo o dever que lhe correspondia e ao mesmo tempo recordava a Deus. Até em seus negócios via a vontade de Rama, seu Ideal escolhido. Era honesto e por conseguinte as pessoas tinham confiança nele. Aos que iam comprar tecidos lhes dizia: “Pela vontade de Rama o valor do fio é tanto; pela vontade de Rama o custo do trabalho é tanto e pela vontade de Rama o ganho é tanto.” As pessoas da aldeia lhe queriam. Certa noite, quando não podendo dormir estava sentado no oratório de sua casa pensando no Senhor, alguns ladrões, que necessitavam de um homem para carregar o que iam roubar, o levaram a força. Depois cometeram um roubo em uma casa e puseram a carga roubada sobre a cabeça do tecelão. Nesse momento chegou a polícia, os ladrões fugiram, mas o tecelão foi capturado e levado para a cadeia. No dia seguinte foi levado diante do juiz para ser julgado. Os aldeões se inteiraram do que havia acontecido e foram ao tribunal. Disseram ao juiz: “Sua Senhoria, este homem jamais pode cometer um roubo.” O juiz pediu ao tecelão que fizesse sua declaração. O homem disse: “Sua Senhoria, pela vontade de Rama acabara de jantar a noite. Depois, pela vontade de Rama estava sentado no oratório. Era noite avançada, pela vontade de Rama. Pela vontade de Rama estava pensando em Deus e cantando Seu Nome e Suas Glórias, quando pela vontade de Rama, passou por ali um bando de ladrões. Pela vontade de Rama me levaram a força com eles. Pela vontade de Rama cometeram roubo em uma casa e pela vontade de



Rama chegou a polícia e pela vontade de Rama fui preso. Depois, pela vontade de Rama a polícia me prendeu durante a noite e esta manhã, pela vontade de Rama, fui trazido diante de Sua Senhoria.” O juiz se deu conta de que o tecelão era um homem piedoso e ordenou sua liberdade. Em seu caminho de regresso à casa, o tecelão disse aos seus amigos: “Pela vontade de Rama, fui posto em liberdade.”

Mas este tipo de submissão à vontade divina não se obtém de repente, mas pela longa prática de disciplinas espirituais e levando uma vida de pureza e abnegação. Também tem que haver conformidade entre o que se diz, faz e pensa. Esta pessoa é chamada de grande alma. Se pudermos seguir este princípio, gradualmente poderemos nos desfazer de nosso ego e submeter-nos à vontade de Deus.

Qual é a utilidade desta submissão? Não se parece com escravidão? Falamos menosprezando as pessoas que se submetem à vontade divina ou nos sentimos rebaixados ao mero pensar que temos que aprender a submeter-nos a ela, mas não nos sentimos humilhados quando temos que adaptar-nos à vontade de pessoas de quem esperamos benefício material. E neste caso, o que ganhamos? Intranquilidade e sede, desejo de ter mais e mais bens, enquanto que a submissão à Deus tira a agitação e traz a paz. Nada perturba a pessoa que se submeteu à vontade de Deus, como vimos no caso do tecelão da parábola. Se pode argumentar que isto é apenas uma estória e que não há certeza de que tal acontecimento aconteceu alguma vez. No entanto, têm existido pessoas em todo o mundo cuja vida está bem refletida nesta parábola; mas eles não fazem demonstração de sua santidade ou de suas nobres qualidades. Essas pessoas se entregam por completo à vontade divina, não porque esta seja inevitável, mas porque sentem alegria em fazê-lo, sabendo que a bem-aventurança depende desta entrega. Sri Ramakrishna costumava dizer: “Assim como uma pessoa que confia seu negócio à um bom homem pode estar tranquilo, do mesmo modo aquele que se entrega totalmente à Deus pode estar seguro de que não vai lhe acontecer nenhum mal, que o Senhor lhe vai cuidar bem.”

Enquanto acreditamos que somos entidades separadas com distintas vontades, estaremos pensando cada um em nosso próprio interesse: os deveres, desejos e ambições. E enquanto existam estes variados interesses haverá conflito e brigas. E as vontades que levam ambições não podem ser livres, já que uma vai limitar a outra. E a menos que todos os pensamentos fluam em uma só direção, para Deus, não pode

haver união da [nossa] vontade com a [vontade] de Deus. E sem conseguir que essa união seja estabelecida não haverá término a insegurança e às paixões.

Tratemos de cultivar confiança em Deus, sem afrouxar nossos esforços para chegar a Ele; pois todos os grandes mestres espirituais afirmaram que a graça de Deus é imprescindível para o progresso espiritual do homem.

Que o Senhor nos outorgue confiança n'Ele para que possamos alcançá-IO e terminar com este círculo de nascimentos e mortes!